



A psicanálise na era dos discursos identitários

La psychanalyse à l'ère des discours identitaires

Psychoanalysis in the age of identity discourses

Leander Mattioli Pasqual

Orcid: [0009-0005-6234-9704](https://orcid.org/0009-0005-6234-9704)

Graduado em Psicologia pela PUC-Minas (Minas Gerais, Brasil)

Doutor em Psicanálise pela Universidade de Paris 8 (Paris, França)

Mestre em Psicanálise pela Universidade de Paris 8 (Paris, França)

Psicólogo do Centre Rene Capitant (Paris, França)

E-mail: leomattioli@yahoo.com.br

Introdução

Com o aumento dos discursos identitários neste início do século XXI, a prática da psicanálise se depara com novos desafios. Estamos agora diante de uma mudança de paradigma que consiste em substituir o cogito cartesiano "Penso, logo existo" pelo que Jacques-Alain Miller (2022, p. 46) isolou como o *dico*^{ai}: "Eu sou o que eu digo". De acordo com esse novo paradigma, "Eu digo, logo existo". Ao contrário do cogito, onde o ser do sujeito é reduzido a um ponto lógico desprovido de qualquer qualidade - um sujeito necessário para o advento da ciência - esse *dico* está carregado de si mesmo, como se bastasse dizer para ser, como se o sujeito pudesse se autodeterminar por suas declarações. O sujeito se confunde então com sua declaração. Não há lugar aqui para a distinção entre o sujeito da enunciação e o sujeito do enunciado. De fato, como Lacan nos lembra, não se trata de saber se falo de mim de acordo com o que sou, mas se, quando falo de mim, sou o mesmo daquele do qual falo (Lacan, 1957/1966b).

Freud destacou uma abertura no ser falante. Este não é perfeitamente idêntico a si mesmo, pois é atravessado e determinado pelo inconsciente. Isso tem como consequência que "o sujeito é falado ali mais do que fala" (Lacan, 1953/1966a, p. 283). Em uma análise, trata-se para um sujeito de consentir em não saber o que está dizendo para deixar-se interpretar pelo que emerge na experiência e para receber sua própria mensagem retornando de forma invertida do lugar do Outro. Freud chamou essa modalidade de fala de associação livre. Ela dá origem a uma fala aberta à interpretação. No entanto, o "Eu sou o que eu digo" implica justamente um fechamento a qualquer possibilidade de interpretação. O sujeito do *dico* vive a interpretação sob o modo de agressão e procura se defender a todo custo. Assim, surge a questão de como se posicionar como analista diante desse novo regime da fala e da identidade que exclui a dimensão do Outro, e também de como um sujeito pode agora se valer da psicanálise para se orientar melhor em sua existência. O caso de Lisa talvez possa nos esclarecer a esse respeito.

A talentosa confeiteira: um caso de identidade autodeterminada

Lisa tinha 31 anos quando marcou uma consulta. Ela vem me ver porque se sente desapossada de sua vida. Ela faz esquemas para estruturá-la, mas não consegue se manter neles. Há um descompasso entre o que ela quer e o que ela faz. "Em mim, tudo é uma vaga construção mental", ela explica.

Lisa não se reconhece em sua história, como se não fosse ela quem a viveu. Sua infância foi marcada pela vergonha e humilhação. Ela é a última da fratria e seus pais se separaram quando ela era muito pequena. O lar se desfez no momento em que a amante do pai engravidou. Mas Lisa sempre pensou que era sua culpa. Na escola, ela era frequentemente punida e tinha a sensação de ser vista pelas professoras como a garotinha que fazia travessuras. Ela se lembra de uma vez em que foi punida por cantar uma música com conteúdo sexual, ou de outra vez em que foi denunciada por sua mãe por ter roubado uma caneta. Lisa nasceu alguns dias após a morte de sua tia paterna. Seu pai estava no exterior na época, e só soube da morte de sua irmã depois do nascimento de Lisa. Quando foi contatado para o anúncio do nascimento, houve uma confusão entre esses dois eventos. 'Eu tinha a impressão de que o mal aconteceu por minha causa', ela afirma.

Lisa tem a impressão de não habitar seu corpo. Ela não gosta de olhar para seu sexo e tem dificuldade em tocar suas pernas, sobre as quais ela tem problemas de pele. Ela tem em outras partes de seu corpo, mas nunca quis se tratar. Ela tem uma relação desinteressada com esse corpo que a repugna. Ela sofre também de outras doenças físicas. Lisa tem uma visão horrível de si mesma e da criança que foi, e se pergunta constantemente como os outros a veem. 'O que me faz sofrer é não saber a imagem que estou transmitindo', ela lamenta. Ela se sente negligenciada, não cuidada, e olha na rua as meninas que parecem estar 'bem vestidas'.

Ao longo das sessões, Lisa começa a se interessar mais pelo seu corpo, o que decorre da relação transferencial com o analista que a apoia discretamente em suas tentativas de construir uma imagem de si mesma, como quando vai ao cabeleireiro para mudar o visual ou quando se maquia. Ou quando se inscreve em um clube esportivo para redesenhar as pernas. Às vezes, ela acha algumas das minhas frases sobre ela tão legais que gostaria de imprimir-las em camisetas, como se as palavras do analista tivessem o poder de vestir seu corpo. Lisa tem a ideia de recuperar a correspondência de seus pais para ver se falam dela, pois tem a impressão de que sua vida não foi contada. Ela acredita que deve haver partes de sua história escritas em algum lugar. Ela não confia em suas memórias. Ela não sabe se elas são verdadeiras ou não, se existem. Ela procura evidências de sua existência assistindo a vídeos de sua infância.

No entanto, é pelo trabalho que ela conseguirá se dar uma existência. Lisa estudou marketing. Ela trabalhava para uma revista, mas acabou se convertendo à confeitaria. Lisa se interessava por tudo o que estava relacionado à comida. Um dia, seu companheiro pediu a ela que comprasse sobremesas para um jantar. Ao ir a uma confeitaria famosa, ela descobre que estavam contratando. Ela volta para casa e escreve uma carta de motivação imediatamente. E antes de ser contratada, para mostrar sua motivação, ela envia ao chefe uma lista com os nomes de todos os produtos daquela casa que ela

conhecia de cor.

Lisa trabalhou como vendedora nessa confeitaria por anos, em um bairro nobre de Paris. Ela também usava as redes sociais para fazer publicidade para a confeitaria e outros comércios próximos. No início de 2022, seu chefe começa a considerar a venda da confeitaria, o que lhe parece uma boa oportunidade. No entanto, não tendo capital para fazer um empréstimo ou habilidade para negócios, ela se vê obrigada a propor a outros dois comerciantes que se associem a ela nesse projeto de compra. Mas essa solução não a satisfaz completamente, pois ela queria absolutamente ter a maioria, o que seus associados não aceitam. Ela quer ser majoritária não por dinheiro, mas pelo poder. Pois a confeitaria é sua imagem. "Eu represento a confeitaria", diz ela.

Lisa, portanto, se livrou de seus associados e conseguiu convencer seu chefe a vender a confeitaria apenas para ela. Ela se cercou de consultores especializados que a ajudaram a levantar fundos e a implementar seu projeto. Ela assinou o compromisso de venda em 2023 e me agradece pelo meu apoio, dizendo que não teria conseguido sem nossas sessões. "É o golpe da minha vida", exclama. Ela sente que finalmente terá reconhecimento, uma posição no meio. Em sua família, todos choraram quando souberam. Ela está ainda mais orgulhosa porque teve que lutar para que o chefe concordasse em vender para ela, em vez de outro grande comerciante que já tinha outras lojas em Paris. "Comprar a confeitaria, isso me enche de algo", diz ela. E ela acrescenta: "Os números me assustam. Não sou empreendedora. Sou confeitaria. Em sociedade, digo que sou confeitaria".

Hoje, Lisa tem um novo visual e se sente mais desejável. Recentemente, uma revista especializada a entrevistou e ela se achou bonita nas fotos tiradas durante a sessão de fotos. "Está começando a se concretizar", diz ela. No meio, já estão cientes de que ela é a nova chefe. A compra dessa desejada confeitaria lhe dá um suporte que lhe permite se distanciar de sua identificação ao objeto descartado, ao mesmo tempo em que dá consistência a seu ser. Como afirma Jacques-Alain Miller

o suporte é a sublimação, mas na medida em que se baseia no eu não penso primeiro do parlêtre (...) É a negação do inconsciente, pelo qual o parlêtre acredita ser o mestre de seu ser. E com seu suporte, ele acrescenta que se considera um mestre belo. O que chamamos de cultura não é nada mais do que a reserva de suportes de onde tiramos algo para nos impulsionarmos e nos glorificarmos (Miller, 2015, p. 30).

Digamos que Lisa encontra na confeitaria, produto francês agalmático por excelência, o suporte que a torna mestre de seu ser. Ela quer transformar sua confeitaria em uma instituição fabricando diferentes objetos relacionados a ela. Ela também se mudou e agora mora a poucos metros de seu local de trabalho. Pois para ela, "a vida é a confeitaria". Agora, Lisa parece não precisar mais de suas sessões e interrompeu seu acompanhamento. Com este caso, vemos como um sujeito pôde usar a psicanálise para construir uma nova identidade a partir de um know-how singular. A análise a terá ajudado a

estabelecer um know-how que serve como suporte narcísico em uma nova relação com a sociedade.

Tradução: Catarina Coelho dos Santos

Referências Bibliográficas

- Lacan J. (1966a). Fonction et champ de la parole et du langage en psychanalyse. In *Écrits*. Paris: Seuil. (Travail original publiée dans 1953).
- Lacan J. (1966b). L'instance de la lettre dans l'inconscient ou la raison depuis Freud. In *Écrits*. Paris: Seuil (Travail original publiée dans 1957).
- Miller J.-A. (2015). L'inconscient et le corps parlant, In *Scilicet. Le corps parlant. Sur l'inconscient au XXIème siècle*. Paris: ECF.
- Miller J.-A. (2022). Intervention lors de Question d'École. In C. Alberti (Org.). L'enfance, berceau de la démocratie, *Quarto*, 131.

Citação/Citation: Pasqual, L. M. (mai. 2023 a out. 2023). A psicanálise na era dos discursos identitários (C. Coelho dos Santos, Trad.). *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 18(36), 137-140. Disponível em www.isepol.com/asephallus. doi: 10.17852/1809-709x.2023v18n36p137-140.

Editor do artigo: Tania Coelho dos Santos

Recebido/ Received: 20/07/2023 / 07/20/2023.

Aceito/ Accepted: 22/09/2023 / 09/22/2023.

Copyright: © 2023. Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.

ⁱ O termo dico empregado por Jacques-Alain Miller é derivado do verbo em latim dicere (dizer, em português) conjugado na primeira pessoa do singular do presente do indicativo. Este termo é sugerido em referência à locução latina Cogito, ergo sum empregada pelo filósofo e matemático René Descartes para fundamentar sua doutrina. Nesta locução, cogito é a primeira pessoa do singular do presente do indicativo do verbo em latim cogitare que quer dizer refletir, pensar.

